



Interpretação Simultânea (IS) entre teoria e prática: a relevância das estratégias de interpretação na formação e no exercício do ofício

Anelise Gondar, Pós-Graduação/Formação de Intérpretes de Conferências - PUC-Rio

Resumo:

A atividade da interpretação implica um equilíbrio permanente de esforços específicos, segundo Gile, quais sejam os de escuta, análise, produção e memória (GILE, 2009). No ofício do intérprete, são necessárias estratégias e técnicas para enfrentar as dificuldades envolvidas em cada um desses esforços de forma que seja possível "resolver e evitar problemas relacionados a limitações cognitivas e linguísticas". As chamadas estratégias de interpretação e *coping tactics*, pesquisadas já desde os anos 70, compreendem um corpo de técnicas transmitidas aos estudantes de interpretação e treinadas durante a formação. Esta comunicação tem por objetivo apresentar resultados iniciais de um estudo piloto que visa verificar, baseada na premissa de que as *coping tactics* são parte integrante do desempenho em cabine, se e quais táticas são utilizadas por novatos e experientes. A hipótese é a de que, como os novatos recebem o treinamento nas táticas, serão capazes de usar e reconhecer no mínimo uma tática, e aqueles experientes, serão capazes de se utilizar de maior número de táticas dada a experiência maior em situações reais de interpretação.

Palavras-chave: interpretação simultânea; estratégias de interpretação; coping tactics

O início da interpretação como ofício e sua profissionalização

A interpretação de conferências, hoje um ofício amplamente difundido e necessário à condução dos negócios, transações e acordos multilaterais bem como à comunicação intercultural, ganhou visibilidade como ofício em meados do século XX, por ocasião do fim da II Guerra Mundial e da instauração do que historicamente veio a ser denominado o *Julgamento de Nuremberg* (BAIGORRI-JALÓN, 1999; PAGURA, 2010; SILVEIRA, 2013). O julgamento – em realidade uma série de julgamentos regidos pelo sistema jurídico anglo-saxão e com participação de juristas das potências aliadas – se estendeu por dois anos (1946-1948) e, nos primeiros onze meses em que foram julgados os oficiais de maior importância no contexto do fim da guerra, a interpretação simultânea provou o seu valor: era a primeira vez em que, diante da imprensa mundial, uma mensagem era transmitida em tempo real em múltiplos idiomas (inglês, francês e russo, além do alemão), com rapidez e precisão necessárias ao acontecimento em questão.

As trágicas circunstâncias que levaram ao julgamento de Nuremberg após o fim da II Guerra Mundial marcam, portanto, a constituição do ofício da interpretação de conferências na modalidade simultânea.

A partir do experimento bem-sucedido de interpretação simultânea com equipamento de som específico para a função e da utilização de múltiplas cabines com combinações linguísticas diferentes funcionando simultaneamente, a profissão populariza-se. O advento de grandes organizações internacionais pós-segunda guerra como as Nações Unidas e a OTAN forjaram as primeiras gerações de intérpretes profissionais, definindo assim não apenas a ética de trabalho e preparação, mas também as demandas linguísticas e cognitivas impostas aos novos candidatos a intérpretes a serem formados em cursos em várias universidades europeias

Are interpreters born or made?

As primeiras décadas de formação em interpretação foram profundamente marcadas pela ideia de que o intérprete teria pendor humanístico; ampla capacidade cognitiva e linguística; bem como profundos conhecimentos das culturas e dos contextos social, econômico e político das línguas de partida e de chegada (HERBERT, 1952). Ainda que escolas de formação estivessem sendo fundadas no intuito de atender às demandas por interpretação nos mais variados contextos diplomáticos e institucionais na Europa, particularmente, ainda persistia nos anos iniciais da interpretação de conferências a ideia de que a capacidade de interpretação requereria do candidato habilidades inatas ou adquiridas ao longo de uma trajetória de vida *sui generis*, como o pertencimento a uma família bilíngue ou longos períodos de residência em outros países.

Ao longo dos últimos 40 anos, no entanto, com a universalização das escolas de interpretação tanto na Europa quanto em outros continentes, a formação no ofício passou por várias mudanças que apontam cada vez mais para um tratamento pedagógico concreto e progressivo, capaz de fornecer aos candidatos uma formação técnica que tornasse a interpretação um ofício possível e acessível a mais pessoas. Nesse contexto, surgem pesquisas relacionadas a diversas frentes da produção em interpretação como aquelas relacionadas à qualidade, criatividade e é também nesse contexto que surgem pesquisas em estratégias e táticas em interpretação.

A profissionalização da interpretação – estratégias e táticas

Ao longo das décadas, com a sistematização e reflexão acerca das práticas em interpretação a atividade passou a ser considerada não mais uma “competência inerente ao profissional, difícil de explicar e basicamente impossível de ser ensinada” para um conhecimento declarado e verbalizável (RICCARDI 2005: 754). A premissa básica de aproximação à atividade da interpretação é a ideia de que a interpretação é mais do que transliterar palavras e envolve a identificação e a real interpretação da ideia e do sentido do discurso original, segundo a *theorie du sens* (SELESKOVITCH &

LEDERER, 1989: 21 apud FREIRE, 2008: 154). Nos dias de hoje, o ambiente em que a interpretação está inserida não apenas é diferente dos primórdios da profissão, mas também está em profunda transformação: novos cenários de atuação, mercados demandas e o advento das associações profissionais, sendo a Associação Internacional de Intérpretes de Conferência - AIIC a de maior expressão em nível global, impõem aos programas de formação de intérpretes exigências ao treinamento de futuros profissionais que requerem adaptabilidade pedagógica para lidar com a heterogeneidade das vivências linguísticas e profissionais dos candidatos. Riccardi afirma que ainda que os princípios básicos da interpretação simultânea e consecutiva tenham se mantido os mesmos, ao longo dos últimos 50 anos, os métodos de ensino incorporaram conhecimentos de disciplinas afins, como a psicologia cognitiva e a neurologia. A evolução nos métodos de ensino evidenciou “uma compreensão de como os processos subjacentes à interpretação simultânea são desenvolvidos e adquiridos é fundamental porque explica fenômenos e explicita em quê devem ser colocadas as ênfases na formação” (RICCARDI 2005: 755, tradução minha). Um dos focos primordiais nesse sentido é o treinamento para a busca de soluções para os mais variados desafios na comunicação intercultural. O estudo das estratégias evidencia o caráter processual da interpretação: esta é uma competência procedimental, e que aspectos processuais podem ser trabalhados individualmente ou em conjunto com vistas ao aperfeiçoamento do produto final. É importante destacar que as estratégias se baseiam em conhecimentos declarativos – conhecimentos que são adquiridos e mobilizados conscientemente – e conhecimentos procedurais, que podem ser acumulados através da prática em interpretação (RICCARDI 2005: 757). A isso corresponde dizer que, em caso de dificuldades, revela-se que nem tudo é automatizado e que, em casos de saturação cognitiva, estratégias como atraso no *Ear-voice-span* ou reformulação, indicam processos conscientes de reorganização dos recursos linguísticos e cognitivos disponíveis ao intérprete (ver RICCARDI 2005). Ou seja, os movimentos de construção e desconstrução se tornam evidentes nos casos mais conhecidos de saturação das capacidades de processamento ou no limiar do equilíbrio de esforços de um intérprete, como nos casos de oradores rápidos, equipamento de som ruim, temática complexa ou uma reunião destes e de outros fatores. Nesses casos, o emprego de estratégias pode garantir a manutenção da qualidade da interpretação a despeito das dificuldades.

Os escritos de Roderick Jones e Daniel Gile (2009) ajudam a formar um panorama acerca dos motivos pelos quais as estratégias são essenciais ao treinamento de intérpretes e ao exercício da profissão e também quais as estratégias mais utilizadas em geral, resguardadas as diferenças entre as modalidades de interpretação. Gile (2009) aponta problemas relativos às combinações linguísticas como percepção de determinadas palavras, redundâncias gramaticais, estruturas sintáticas e aspectos sócio-linguísticos ou culturais e acredita que é possível identificar *táticas referidas à compreensão* (atraso na devolução da mensagem, reconstrução de determinados segmentos com base no contexto); *táticas*

preventivas (anotação, expansão ou retração do *Ear-Voice-Span*, segmentação para liberação da memória de curto prazo, modificação da ordem de elementos em uma enumeração) e *táticas de reformulação* (atraso na devolução da mensagem, substituição de segmentos ou termos por hiperônimos ou um discurso mais geral, explicação/paráfrase, reprodução do som ouvido, naturalização instantânea, transcodificação, interpretação baseada na forma) (GILE 2009: 194-209). Já Jones faz menção a uma série de estratégias específicas as quais denomina “as técnicas da interpretação simultânea” (2002.:72) sem destacar táticas necessárias ao trabalho com determinados pares linguísticos. O autor tampouco diferencia táticas para aumentar a qualidade do output às táticas de caráter emergencial, ou seja, para resolução de problemas¹.

As estratégias surgem a partir da observação da atuação de intérpretes em eventos reais e tornam-se em pouco tempo, foco das atenções na pesquisa em interpretação (RICCARDI, 2005). As pesquisas em estratégias de interpretação abarcam temas como tipos de estratégias conforme a modalidade de interpretação (se consecutiva ou simultânea); as circunstâncias de uso (se emergenciais – para resolução de problemas) ou se para aprimoramento do *delivery* e também a progressão no ensino, bem como a aplicação dessas estratégias com vistas ao aperfeiçoamento técnico dos candidatos a intérpretes. As alcunhas “estratégias de interpretação” e “coping tactics” emergem justamente da falta de consenso em relação ao empenho das estratégias no momento da interpretação. Sem dúvida, há muita produção acadêmica em torno não apenas das estratégias como um todo, mas também de algumas estratégias em específico, mais presentes em determinadas combinações linguísticas, como é o caso da estratégia de antecipação para interpretação entre línguas românicas e germânicas. Não há consenso em relação aos nomes conferidos às estratégias como vemos em Li (2013: 109): Kalina (1998 apud Li 2013: 109) refere-se à estratégia de expansão com a mesma justificativa que Bartłomiejczyk (2006 apud LI 2013: 109) utiliza para a técnica da adição. Em outros casos, as fronteiras na definições das estratégia são tênues . Assim, Li (2013: 109) aponta que alguns autores acreditam que a compressão e a omissão podem ser similares, já que a compressão ocorre quando o intérprete *realiza a interpretação de determinada mensagem de forma mais concisa e mais geral, evitando repetições e redundâncias* e a omissão é identificada em casos em que o intérprete omite “input incompreensível, desnecessariamente repetitivo, redundante, não importante (...)” (Idem, ibidem) assim que o emprego de uma estratégia tem sobreposições ao emprego de outra. Ainda que não haja consenso em torno do número de estratégias possíveis em interpretação, tampouco acerca de como categorizá-las e defini-las de forma unívoca, o estudo de estratégias apresenta duas dimensões fundamentais: uma está relacionada à elucidação dos processos cognitivos e linguísticos

¹ As táticas sobre as quais tece comentários, quais sejam o aumento ou diminuição do ear-voice span, a reformulação, a técnica do salami, a simplificação, a generalização, omissão, resumo e recapitulação, explicação e antecipação são as táticas básicas tematizadas no curso de Pós-Graduação em Formação de Intérpretes de Conferência da PUC-Rio.

em marcha no ato da interpretação e a outra tem a ver com o treinamento de intérpretes e a possibilidade do desenvolvimento de exercícios em sala que fomentem a prática de determinadas estratégias de interpretação. As estratégias, segundo Riccardi (2005) existem para transformar a competência implícita atual em nova competência implícita procedimental aumentando a capacidade de utilização do conhecimento declarado” (RICCARDI 2005: 758, tradução minha).

Abordagem metodológica

A pesquisa em interpretação se vale de aportes metodológicos difundidos no âmbito das ciências sociais, como o *survey*, questionários semi-estruturados bem como entrevistas narrativas. Ainda assim, há aspectos na pesquisa em interpretação que diferem da pesquisa qualitativa de modo geral: a observação, por exemplo é um instrumento metodológico limitado para a modalidade simultânea já que o estreito espaço de trabalho do intérprete e a pressão a que está submetido em situações reais de evento são dois fatores que dificultam a presença observadora de terceiros. Assim, opta-se com frequência pela técnica da *retrospection* para coletar informações acerca do *delivery* de um intérprete (MACHOVÁ s/d: 306) . Dessa forma, optou-se pela condução de um experimento em que os informantes identificariam a partir da escuta do seu desempenho e da memória da experiência uma avaliação das técnicas utilizadas. A abordagem utilizada teve como foco a comparação entre novatos e experientes, já que compreende que a utilização das técnicas bem como o aperfeiçoamento da interpretação dão-se conforme a experiência acumulada.

Foi conduzido um estudo experimental com um intérprete novato (com um ano e meio de experiência) e um intérprete experiente (mais de 20 anos de experiência), ambos com a combinação linguística alemão-português. As intérpretes receberam dois vídeos disponíveis no canal *Youtube*, um vídeo para interpretação (tradução para a língua A) e outro para versão (tradução para a língua B). É importante acrescentar que aspectos como diferença inerente à direcionalidade não foram iluminados para fins dessa pesquisa, de forma que os resultados no uso de estratégias por parte dos informantes novato e experiente serão considerados independente da língua A ou B, importando apenas quais estratégias foram utilizadas na interpretação do áudio para o alemão e para o português. Os vídeos foram escolhidos com base na velocidade do orador (velocidade média de um discurso livre e refletido), gênero textual (coletiva de imprensa, no áudio em alemão e entrevista, no áudio em português), na demanda terminológica (os vídeos trataram de questões de conjuntura econômica e as palavras consideradas “terminologia específica” foram fornecidas previamente) e no tempo de interpretação (média de 15 minutos). Os informantes receberam por e-mail instruções quanto à tarefa que compreendiam: assistir ao vídeo realizando a interpretação (sem busca prévia de termos), gravação da própria interpretação e avaliação do áudio da interpretação com base em uma lista de estratégias

agrupadas e suas definições. As estratégias agrupadas e suas definições foram extraídas do texto de Li (2013: 110-113), basicamente voltadas para a interpretação consecutiva, mas em larga medida presentes na interpretação simultânea. A listagem de Li foi escolhida como referência por agrupar de forma abrangente as estratégias estudadas nos cursos de formação, inclusive no curso de formação de intérpretes da PUC-Rio, do qual ambos os informantes são egressos, e utilizadas na prática da interpretação. A avaliação, portanto, do uso das estratégias foi realizada em duas pequenas etapas: (1) os informantes assinalaram em uma tabela com duas colunas, uma com o(s) nome(s) da estratégia e outra com a sua definição, os grupos de estratégias utilizados e (2) fizeram comentários no corpo da tabela (informante experiente) e por e-mail (informante novato) acerca do uso da estratégia (em que momento a estratégia foi empregada, que motivo ocasionou o emprego ou não da estratégia). As estratégias elencadas em tabela para a condução da pesquisa foram as seguintes (Li, 2013, p. 110-113, tradução minha):

"Compressão, condensação, resumo (*summarizing*) e filtragem: (é quando) o significado original é traduzido pelo intérprete de forma mais geral e concisa, normalmente de forma a suprimir ou omitir todas as informações repetitivas, secundárias ou redundantes;

omissão/ *skipping*/ eclipse/ abandono de mensagem: quando o intérprete se utiliza de períodos de silêncio e pausas nas quais algumas mensagens não são traduzidas devido a falhas na compreensão, na decodificação de anotações e de memória;
expansão do texto/ adições/elaboração: o intérprete adiciona informações ou expande o texto e origem de forma a transmitir de forma mais clara a mensagem [...];

resposta atrasada (*delaying response*)/ *stalling*: o intérprete produz frases genéricas, que não constam do discurso original. Não há adição de informações novas, mas a estratégia permite que o intérprete atrase a produção de discurso e evita que faça longas pausas ao deparar-se com dificuldades de reformulação ou escolha de palavras;

aproximação/ atenuação: quando o intérprete não dispõe do equivalente ideal para um elemento lexical do discurso fonte, ele utiliza um equivalente próximo, um sinônimo ou um termo mais geral na língua meta;

paráfrase/ explicação: o intérprete explica o significado de uma palavra ou ideia no proferido discurso original quando ele não se lembra da palavra ou expressão no discurso alvo;

transformação morfossintática: o intérprete tenta partir da estrutura superficial da frase original e decide expressar o significado da mensagem original usando uma construção sintática diferente;

transcodificação: o intérprete opta pela tradução palavra por palavra porque não compreende o significado do texto fonte;

reformulação paralela/substituição: o intérprete tenta imaginar algo que seja mais ou menos plausível no contexto ou substitui elementos não compreendidos por elementos disponíveis mentalmente devido a falhas de compreensão, anotações. Ele toma essa iniciativa para não fazer uma pausa ou deixar uma frase incompleta;

reestruturação/ mudança de ordem: algo que é transmitido em determinada posição no discurso de partida é traduzido em outra posição pelo intérprete para garantir maior idiomática ao discurso de chegada;

inferência: o intérprete recupera parte da mensagem perdida ou não compreendida com base no contexto do discurso e no conhecimento geral do próprio intérprete;
reparação: o intérprete verifica que algo foi interpretado erroneamente ou poderia ser traduzido melhor e decide fazer uma correção;

evasão/neutralização: o intérprete evita se comprometer quando ele analisa que o discurso original não fornece especificação suficiente [...];
a não-reparação (*no-repair*): o intérprete deixa determinado fragmento como está porque consertá-lo pode ser pior. [...] É uma escolha consciente feita através do monitoramento do próprio *output*;

frase incompleta: o intérprete traduz fragmentos, interrompe a fala em meio às frases e omite grandes unidades de significado por falhas de compreensão, na anotação ou de memória. É considerada uma decisão estratégica porque é um comportamento consciente;

repetição: o intérprete repete elementos já traduzidos através de sinônimos ou construções sinônimas de forma a aumentar a acuidade lexical ou ganhar mais tempo para organizar o discurso de chegada".

Apresentação e análise de dados da pesquisa

Quanto ao número de estratégias utilizadas, a avaliação das tabelas preenchidas mostrou que o intérprete experiente utilizou 7 (sete) estratégias para o português e 7 (sete) estratégias para o alemão. O intérprete novato assinalou 6 (seis) estratégias utilizadas para o português e 6 (seis) estratégias na interpretação para o alemão.

Estratégias para o português

Em comum, os intérpretes utilizaram, para o português, tão somente 2 (duas) estratégias: omissão/*skipping*/eclipse/abandono de mensagem e reparo. Chama a atenção que as estratégias comuns tenham sido em número tão inferior ao uso de estratégias por cada uma em geral. Uma explicação pode residir nas outras estratégias escolhidas consciente- ou inconscientemente por cada uma das informantes para enfrentar os desafios cognitivos e intelectuais de cabine.

O intérprete novato lançou mão das seguintes 4 (quatro) estratégias para o português: compressão/condensação/*summarizing*/ filtragem; expansão de texto/adição/elaboração; aproximação/atenuação

e reestruturação/ mudança de ordem. As opções assinaladas indicam que o intérprete sentiu necessidade esclarecer melhor a mensagem a ser interpretada, fez uso de hiperônimos ou palavras genéricas e primou por buscar render ao texto maior idiomaticidade. A pesquisa não fornece insumos suficientes para que se identifique se foram estratégias emergenciais ou se o intérprete "dominou" o discurso fonte a ponto de lançar mão das estratégias usadas.

Já o intérprete experiente lançou mão das seguintes 5 (cinco) estratégias: transformação morfossintática; reformulação paralela/substituição; inferência; não-reparo e repetição. Algumas hipóteses são: o intérprete já organiza de antemão a transformação morfossintática de forma que não precisa realizar transformações e adaptações com a frase já iniciada; as estratégias de reformulação, inferência e repetição utilizadas pelo intérprete experiente reforçam a literatura existente que postula que quanto maior a expertise do intérprete, mais capacidade ele tem de reformular e antecipar informações a partir do contexto e do conhecimento geral acumulado. Quanto à estratégia de repetição consciente de informações para não causar mais dano no discurso de chegada, pode indicar o conhecimento dos próprios limites em fornecer um delivery adequado ao texto de partida.

Estratégias para o alemão

Para o alemão, as 4 (quatro) estratégias em comum foram: compressão/ condensação/*summarizing*/ filtragem; omissão/ *skipping*/elipse/abandono de mensagem; aproximação/atenuação e inferência. Essa quantidade maior de estratégias empregadas pode estar relacionadas a questões específicas não apenas do par linguístico português-alemão, mas também à direcionalidade. Alguns especialistas afirmam que há estratégias específicas para a interpretação de línguas que têm estrutura SVO (sujeito - verbo - objeto) para línguas com estrutura SOV (sujeito - objeto - verbo). Nesse caso, uma hipótese é a de que intérpretes profissionais, tanto novatos quanto experientes, fazem uso necessariamente de estratégias que traduzem estilos de oratória (como é o caso das estratégias de compressão, omissão e aproximação) e também se utilizem de estratégias características da interpretação para o alemão, como a estratégia de inferência. A estratégia de inferência se aproxima à estratégia de antecipação, uma das estratégias mais características quando se interpreta para a língua alemã.

O intérprete novato, além das estratégias acima, assinalou ter identificado as seguintes 2 (duas) estratégias: paráfrase/ explicação; evasão/neutralização. A paráfrase indica indisponibilidade de determinado termo no ato da interpretação e a evasão indica perda de conteúdo com o ônus da compreensão pelo contexto repassado aos ouvintes.

O intérprete experiente assinalou, para o alemão, ainda as seguintes 3 (três) estratégias: expansão textual/adição/elaboração; frase incompleta e repetição. A estratégia de expansão textual pode indicar conhecimento geral suficiente para esclarecer a temática quando o orador não necessariamente o faz e a repetição também segue o mesmo padrão discursivo. A frase incompleta nesse caso

específico tem a ver com a falta de compreensão auditiva das perguntas realizadas na coletiva de imprensa, que foram feitas fora do microfone. Essa estratégia portanto foi consciente: discursos realizados fora do microfone não podem ser interpretados com a acuidade requerida por um intérprete profissional. Dessa forma, a frase incompleta como estratégia está inteiramente de acordo com os padrões de interpretação ensinados no curso de formação.

Considerações finais

A compreensão acerca de como funcionam os mecanismos que convergem para uma boa interpretação tem contribuído para a profissionalização do intérprete de conferências no sentido de aprimorar os cursos de formação. Ao mesmo tempo, o estudo desses mesmos mecanismos fornece maiores insumos para verificar quais padrões de soluções podem ser identificados quando o intérprete se encontra diante de desafios linguísticos e cognitivos específicos em cabine. O presente estudo pretendeu elucidar o uso de estratégias por intérpretes novatos e experientes. Para tanto, valeu-se das metodologias de comparação entre novatos e experientes e também do recurso de obtenção de informações através da *retrospection*, quando o intérprete recupera, com base em dados e na própria memória, aspectos da sua experiência.

A experiência piloto indica, ainda que de forma experimental, que intérpretes novatos e experientes se valem de diversas estratégias para enfrentar os desafios de cabine e são capazes de identificar o que fizeram quando contrastam o discurso de partida ao discurso de chegada. O estudo recolheu basicamente dados quantitativos acerca da utilização de estratégias – foi solicitado aos informantes que assinalassem as estratégias utilizadas e que voluntariamente comentassem as estratégias utilizadas – ou seja, os dados obtidos não fornecem uma compreensão acerca da qualidade da solução encontrada a partir do uso da estratégia e em que medida a estratégia contribuiu para um delivery de maior qualidade como um todo. É interessante notar que a ideia apresentada por MACHOVÁ (s/d: 206) de que, em retrospectão, os intérpretes mais experientes comentam mais as soluções fornecidas que os intérpretes novatos encontra eco na presente pesquisa. O intérprete experiente explicou de forma breve as condições que o levaram a utilizar as estratégias assinaladas e também explicou em alguns momentos porque não havia assinalado uma ou outra estratégia. O intérprete novato teceu, por sua vez, comentários gerais acerca das dificuldades na interpretação para o português e para o alemão. Ainda que esse dado em específico encontre respaldo na literatura de caráter metodológico em interpretação, uma pesquisa com maior número de informantes é fundamental para verificar não apenas aspectos quantitativos como também qualitativos em relação às estratégias. Na presente pesquisa experimental foram coletados os tipos de estratégias utilizados para o português e para alemão. Um aspecto interessante a ser incorporado em pesquisa de maior fôlego será a consideração

da direcionalidade, além da combinação linguística, do intérprete. Assim talvez seja possível identificar quais estratégias são especificamente utilizadas quando o intérprete traduz para sua língua A e para sua língua B e quais dificuldades surgem a partir desse elemento em específico. Por fim, seria interessante realizar a pesquisa com intérpretes novatos e experientes sem disponibilizar de antemão de um catálogo de estratégias. Essa mudança nos parâmetros da pesquisa poderá ajudar a identificar outras estratégias não contempladas no estudo.

Referências bibliográficas:

BAIGORRI-JALÓN, J. Conference Interpreting: From Modern Times to Space Technology. **Interpreting**, v. 4, n. 1, 1999. Pp. 29–40 .Disponível em:
<http://www.researchschool.org/intranets/baigorri_1.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2015.

FREIRE, E. L . Teoria Interpretativa da Tradução e Teoria dos Modelos de Esforços na Interpretação: proposições fundamentais e inter-relações. **Cadernos de Tradução**, v. 2, . 22, pp. 151-174. 2008.

GILE, D. Facing and Coping with Online Problems in Interpreting. In: ____ **Basic Concepts and Models for Interpreter and Translator Training**. John Benjamins Publishing, 2009. p. 191-218.

HERBERT, Jean. **The Interpreter`s Handbook**, 1952. 34p.

JONES, R. Simultaneous Interpreting In: ____ **Conference Interpreting Explained**. St. Jerome Publishing, 2002. pp. 66-122.

LI, X.. Are Interpreting Strategies Teachable? Correlating Trainees´ Strategy Use with Trainers´ Training in the Consecutive Interpreting Classroom. Disponível em:
<https://www.openstarts.units.it/dspace/bitstream/10077/9754/1/Li_Interpreters18.pdf> Acesso em 20 jun. 2015.

MACHOVÁ, L. Some Aspects of Self-Assessment of Student Interpreters. **Cross-Cultural Challenges in British and American Studies – Slovak Studies in English 4** , pp. 301- 308. Disponível em:
<http://staryweb.fphil.uniba.sk/fileadmin/user_upload/editors/kaa/Lydia_Machova/Lydia_Machova_Some_Aspects_of_the_Self-Assessment_of_Student_Interpreter_Triennial.pdf>.Acesso em: 20 jun. 2015.

PABST, U. **A antecipação em interpretação simultânea: o que é e para que serve?** Rio de Janeiro, 2015, 34p., Monografia (Pós-Graduação em Letras), CCE - PUC-Rio.

PAGURA, Reynaldo. **A interpretação de conferências: história de sua prática profissional e a formação de intérpretes brasileiros**. São Paulo, 2010, 232 p. Tese de Doutorado (Programa de Estudos Linguísticos e Literários do Inglês). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo – USP.

RICCARDI, Alessandra. On the Evolution of Interpreting Strategies in Simultaneous Interpreting. **Meta**, L, 2, pp. 753-767. 2005.

SILVEIRA, D. **O Julgamento de Nuremberg: um estudo do nascimento da interpretação simultânea de conferências.** Rio de Janeiro, 2013, 32p., Monografia (Pós-Graduação em Letras), CCE - PUC-Rio.